

Organização

CITCEM/FLUP

Comissão Científica

Comissão Executiva do CITCEM

Comissão organizadora

Carla Sequeira

Joana Lencart

Contactos

CITCEM/FLUP

Tlf: 226 077 177

E-mail: oi.citcem@gmail.com

citcem@letras.up.pt

As *Oficinas de Investigação* do CITCEM têm como principal objectivo o debate, alargado e transdisciplinar, de problemáticas de investigação, no sentido de cruzar questões teóricas e metodológicas e resultados de pesquisa.

As *Oficinas de Investigação* do CITCEM constituem, por isso, um espaço de divulgação e discussão regular de projectos de investigação individuais (teses de mestrado ou doutoramento, projectos de pós-doc, etc.) ou colectivos, dos investigadores e colaboradores do CITCEM, podendo associar investigadores de outros centros ou universidades nacionais e/ou estrangeiras.

Entrada Livre

oi.citcem.wixsite.com/oficinascitcem

OFICINAS DE INVESTIGAÇÃO CITCEM 21/22

SESSÃO 08

[17.12.21 • 14h30]

Proponente da sessão
Madina Ziganshina

«Mudança de paradigmas da Democratização da Cultura para a Democracia Cultural: instituições, artistas e públicos nos centros urbanos de pequena e Média dimensão em Portugal. Reflexão baseada na Carta do Porto Santo (2021)»



Em directo no canal YouTube do CITCEM FLUP:
<https://www.youtube.com/channel/UC2la8syabdh1bO6-fCgQnIA>

PROGRAMA

14h30 “O Museu do meu bairro” | Miguel Bandeira Duarte

14h50 *Editoria, Design, Artesanato & Indústria. Um projeto transdisciplinar promotor da democracia cultural* | Cláudia Albino

15h10 *Da teoria à prática: a democracia cultural no projeto Vale do Varosa* | Sérgio Pereira

15h30 *Varinha mágica: Desafios para Democratização da Cultura e Democracia Cultural na época de digitalização nos museus e centros culturais locais* | Madina Ziganshina

15h50 *Entre bom gosto e bom senso: democracia cultural e excelência artística no novo milénio* | Pedro Bessa

16h10 Debate

16h45 Encerramento

NOTAS BIOGRÁFICAS E RESUMOS

MIGUEL BANDEIRA DUARTE. Professor Auxiliar na Escola de Arquitetura, Arte e Design da Universidade do Minho e Diretor do Museu Nogueira da Silva – unidade cultural da Universidade do Minho. É Membro investigador do Lab2PT – Laboratório de Paisagens, Património e Território. Licenciado em Design de Comunicação (FBAUP/1994) e doutorado em Belas Artes: Desenho (FBAUL/2016) com a tese O Lugar e o Objeto como circunstância do Esquisso, financiada pela FCT. Organiza a conferência Drifting Bodies Fluent Spaces e o workshop Walking Body. Colabora no grupo de trabalho Geografias Culturais da Música, do Som e do Silêncio. Foi editor da revista PSIX e coordena o Estúdio UM desde 2008.

“O Museu do meu bairro”

Rumo a uma democracia cultural, particularmente no âmbito museológico, a participação crescente dos públicos aparece associada a uma certa dimensão de inovação. A modelação da experiência figura como um dos pontos fundamentais para que o museu estabeleça uma relação de identidade e, nesta proactividade, as práticas participativas e cocriativas configuram-se como modelo de inovação, de aproximação, de transformação vivencial da experiência da cultura do modelo de contemplação ao de produção. A Carta de Porto Santo acentua numa dimensão ideológica aquilo que hoje já é considerado possível, procurando uma participação alargada, da produção à gestão, tanto pelo acesso aos meios de produção como pela capacidade de decisão. Assim, o que poderá mudar mais e que tipos de experiência se podem estar a sugerir?

CLÁUDIA ALBINO é doutorada em Design pela Universidade de Aveiro. É professora auxiliar da Universidade de Aveiro, diretora do Mestrado em Design da UA e investigadora do ID+ Instituto de Investigação em Design, Media e Cultura | Fundação para a Ciência e a Tecnologia, sendo a sua principal área de investigação Design e Território. Tem desenvolvido projetos de valorização das identidades dos territórios pelo design e realizado serviços de consultoria em vários países, participado em congressos nacionais e internacionais e publicado em revistas e livros da especialidade. É autora do livro “À procura de Práticas Sábias. Design e Artesanato na significação dos Territórios”, com o qual obteve, o 1º Prémio de Investigação sobre Artesanato em Portugal.

Editoria, Design, Artesanato & Indústria. Um projeto transdisciplinar promotor da democracia cultural

Editoria, Design, Artesanato & Indústria é um projeto que integrou o programa de Guimarães 2012, Capital Europeia da Cultura e ambicionou a valorização simbólica do seu território. O projeto define-se por uma autoria múltipla e colaborativa, a partir do diálogo entre artesãos e designers, tendo-me cabido a coordenação científica e editorial. O projeto relacionou o património material e imaterial da região do Vale do Aveiro com as ofertas culturais contemporâneas. Propôs o casamento entre o antigo e o novo, entre as técnicas tradicionais e as novas tecnologias, associadas aos novos programas resultantes de uma exigência urbana contemporânea. O objetivo foi o da regeneração social, económica e urbana deste território, pela participação comunitária, recorrendo ao design como catalisador e amplificador de conhecimentos que possibilitaram valorizar as qualidades da 'tradição' transporta-las para o futuro. O seu resultado deu origem à produção de uma série de artefactos de elevada qualidade formal e estética, passíveis de terem reconhecimento global, ultrapassando o contexto local. Editoria possibilitou pela partilha de conhecimentos reencontrar uma desejada ecologia impulsionadora da resignificação da experiência do território.

SÉRGIO PEREIRA (1982), é natural de Chaves e vive em Vila Nova de Gaia. Concluiu em 2004 a licenciatura no Curso Superior de Turismo pelo Instituto Superior Politécnico Gaya, após a qual desenvolveu experiências profissionais em hotelaria e em agências de viagens. Desde 2006 é docente no ensino secundário em cursos profissionais nas áreas do património e do turismo. Em 2013 obteve a profissionalização em serviço para o ensino em História, através da Universidade Aberta. Atualmente frequenta o doutoramento em Estudos do Património, ramo Museologia, na Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

Da teoria à prática: a democracia cultural no projeto Vale do Varosa

Objetivos: Salientar ideias-chave da Carta de Porto Santo; Enquadrar o Projeto Vale do Varosa; Apresentar atividades culturais desenvolvidas no Projeto promotoras da democratização cultural

Nas últimas décadas têm surgido diversos projetos turísticos centrados na utilização do património cultural nas regiões do interior. Um exemplo neste contexto é o caso do Projeto Vale do Varosa, uma iniciativa de intervenção que tem vindo a recuperar, divulgar e entregar ao usufruto público património disperso localizado nos concelhos de Lamego e de Tarouca. Nesta intervenção procurar-se-á expor este caso de estudo e salientar aspetos relativos ao mesmo à luz das premissas apresentadas na recente Carta de Porto Santo.

MADINA ZIGANSHINA, concluiu o Mestrado em Criação Artística Contemporânea em 2015 na Universidade de Aveiro, é Investigadora no Centro de Investigação Transdisciplinar Cultura Espaço e Memória CITCEM da Universidade do Porto e, desde 2021, é bolseira

de doutoramento da FCT na área de cruzamentos disciplinares entre Criação Artística Contemporânea e Estudos Patrimoniais, na Faculdade das Letras da Universidade do Porto. Como artista, realizou mais de 30 exposições de pintura, em Portugal, em países da Europa, na Índia e no Dubai; recebeu 12 prémios de pintura com a aquisição das obras pelos museus. Consulta detalhada do CV e projectos: Site ART-MAP: <https://zmadart.wixsite.com/art-map>
Obras artísticas: <https://zmadart.wixsite.com/painting>
CV académico: <https://www.cienciavitae.pt/portal/FFID-7973-DA5B>

Varinha mágica: Desafios para Democratização da Cultura e Democracia Cultural na época de digitalização nos museus e centros culturais locais

A carta do Porto Santo pronuncia os princípios e deixa as recomendações para a mudança do paradigma e avisa sobre os erros metodológicos que possam surgir em processo. Nesta comunicação pretendo destacar a possibilidade da confusão do projecto de transição digital com a implementação da democracia cultural nos museus e centros culturais locais, na expectativa de que os equipamentos digitais farão a cultura e a cidadania acontecerem. Conforme o Relatório Final do Grupo de Projecto Museus no Futuro, os museus, na sua maioria, não dispõem de condições para tirar o proveito devido da transformação digital. Reflecto nas funções efectivas de hardware e software digitais no âmbito museal local. Projecto várias instrumentalizações que se tornam fáceis, no âmbito municipal, via deslocação dos objectivos de acção cultural para a mediação digital. E considero os efeitos da desvalorização de saberes manuais e experiências directas na esfera educativa, artística e turística.

PEDRO BESSA (n.1963) é Prof. Auxiliar no DeCA, Universidade de Aveiro; unidade de investigação ID+ Instituto de Investigação em Design, Media e Cultura.; bolseiro da Fundação Calouste Gulbenkian e Fundação Eng. António Almeida na School of Visual Arts, Nova Iorque (1990); Mestrado em *Fine Art and Theatre: interdisciplinary and theoretical studies* (School of Arts/ University of Surrey,1993); Doutoramento em Design (Universidade de Aveiro, 2005). Foi professor de Desenho Contemporâneo na ESAP (1995-1997); editor associado de *The Design Journal* (EAD, Salford, 1998-2002); Director da Licenciatura em Design da UA (2007- 2010); e Director do Mestrado em Criação Artística Contemporânea da UA (2012-2014; 2020-março 2021).

Entre bom gosto e bom senso: democracia cultural e excelência artística no novo milénio

As artes sofreram algumas mudanças drásticas nas últimas décadas - crescimento do mercado global, e.g. asiático; redução do financiamento público, por força do modelo neoliberal de economia; mudança de públicos ligada, em parte, ao crescimento da internet, dos novos media e da jovem cultura urbana. A tradicional (nefasta?) oposição entre *high art* e cultura de massas enfraqueceu, mas não desapareceu. Também a esperança da internet como futuro espaço de democracia cultural não se concretizou. Na opinião de muitos, antes conduziu a um nivelamento por baixo na qualidade de produtos. Os rankings, o narcisismo declarado, a popularidade dos influenciadores digitais substituíram a avaliação crítica por especialistas, e imperam agora a desinformação, o *lobbying*, os interesses comerciais obscuros. Que espaço hoje para a cultura e as artes, como proceder? *Bom gosto e bom senso*, proclamava Antero aquando da célebre questão coimbrã. A fórmula continua válida: bom gosto, mas sobretudo bom senso.